

Organização: Coletivo Fora da Métrica

POE SIA

nua e crua!

Slam da Quentura

Editora

SER
TÃO
CULT



O Coletivo Fora da Métrica é um movimento artístico, cultural e social que nasce da potência da palavra falada e do desejo urgente de ocupar espaços com poesia, resistência e afeto. Surgido em 2017 na cidade de Sobral, no interior do Ceará, o coletivo surge como resposta à necessidade de construir um território seguro, criativo e livre para que vozes marginalizadas possam ecoar suas narrativas, suas dores, seus amores e suas existências.

Fruto das encruzilhadas entre arte, cultura periférica, oralidade e ativismo, o Fora da Métrica não apenas promove encontros poéticos, mas funda uma verdadeira comunidade de construção coletiva, onde a palavra se torna instrumento de transformação social. Sua atuação se dá na linha de frente do fortalecimento da poesia falada no estado do Ceará, sendo responsável pela realização do Slam da Quentura, a primeira batalha de poesia do estado, e também do Slam Ceará, o campeonato estadual de poesia falada que reúne poetas de diferentes territórios cearenses.

Ao longo desses anos, o coletivo tem sido uma plataforma de visibilidade e empoderamento de jovens, sobretudo negritudes, pessoas LGBTQIAPN+, corpos periféricos e dissidentes, que encontram na arte da palavra um caminho para reexistir, resistir e criar. As ações do coletivo não se limitam às disputas poéticas: abrangem oficinas, formações, publicações, mostras artísticas e articulações em rede, tanto no estado quanto em nível nacional, integrando o movimento Slam BR, que conecta batalhas de poesia falada de todo o Brasil.

O Fora da Métrica acredita que poesia não cabe na folha, não cabe na métrica, não cabe no silêncio. Por isso, faz da praça, do palco e da rua seus principais cenários de criação, onde a arte pulsa viva, coletiva e insurgente. Cada microfone aberto é um grito que rompe estruturas, cada palavra lançada é uma semente plantada no terreno fértil da transformação.

Costumamos dizer que a disputa é a desculpa para o encontro”.

Poesia Nua e Crua

Slam da Quentura

Organização:

Coletivo Fora da Métrica

Sobral - CE
2025

Editora
**SER
TÃO
CULT**

POESIA NUA E CRUA - SLAM DA QUENTURA

© 2025 copyright by Thay Gadelha, Saymon Lopes, Layze Martins, Neto Duarte e Reh (Orgs).

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TÃO
CULT**

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo,
1138

Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antônio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antônio Jerfson Lins de Freitas

Revisão
Antônio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

Rosilene Alves de Albuquerque

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

Coletivo fora da métrica

Neto Duarte
Thay Gadelha
Saymon Lopes
Reh
Layze Martins

Designer
Alana Lara

P745 Poesia nua e crua: Slam da quentura. / Organizado por Neto Duarte, Thay Gadelha, Saymon Lopes, Reh e Layze Martins. - Sobral, CE: Sertão Cult, 2025.

60p.

ISBN: 978-65-5421-230-4 - papel
ISBN: 978-65-5421-231-1 - E-book em pdf
Doi: 10.35260/54212311-2025

1. Poesia falada. 2. Expressão cultural. 3. Poesia Contemporânea. 3. Identidade periférica 4. Literatura brasileira. I. Neto Duarte. II. Gadelha, Thay. III. Lopes, Saymon. IV. Reh. V. Martins, Layze. VI. Título.

CDD 869.93 Literatura brasileira moderna (1945-...) - Poesia

Sumário

Prefácio.....	5
Akwa.....	6
Adeus.....	7
Apêagá.....	9
Quentura da saudade.....	10
Cacheada Santos.....	11
Embriaguez.....	12
Clau.....	13
A loucura ilegível de ser eu.....	14
Francisca Sabrina.....	16
Outro dia.....	17
Josh.....	19
É o fim dos tempos!.....	20
Kieza Fran.....	23
eu preciso parar.....	24
Layze Martins.....	26
é coisa que gente branca não passa.....	27
Mali.....	29
Entre outras mil és tu Brasil a pátria desalmada.....	30
Marcela Sena.....	32
Criança pretinha.....	33
Mary Jheni.....	35
Oração.....	36
Neto Duarte.....	38
Poesia inacabada.....	39

Rêh	41
Aqui não é o teu lugar.....	42
Sol	44
Raízes.....	45
Thay	47
Slam é literatura.....	48
Virgínia	49
a nossa voz é um GRITO.....	50
Pósfácio	52
A literatura slam é para além da poesia.....	52



Prefácio

Este livro não nasceu para agradar. Ele nasceu para dizer. Para gritar. Para marcar território com palavras carregadas de corpo, vivência e fogo. É fruto da encruzilhada onde se encontram o Coletivo Fora da Métrica e o Slam da Quentura, dois movimentos que fazem da poesia um instrumento de sobrevivência, denúncia e reconstrução.

Aqui, o verso não é domado. É suor, é nervo, é sangue escorrendo pelas bordas de um sistema que nos quer calades. Mas seguimos em pé, escrevendo. Seguimos de punho cerrado, gritando poesia sobre o medo. Porque quem é atravessado pela exclusão aprende cedo que falar é um ato político e escrever, um ato de guerra.

Aqui, o verso não é domado. É suor, é nervo, é sangue escorrendo pelas bordas de um sistema que nos quer calades. Mas seguimos em pé, escrevendo. Seguimos de punho cerrado, gritando poesia sobre o medo. Porque quem é atravessado pela exclusão aprende cedo que falar é um ato político e escrever, um ato de guerra.

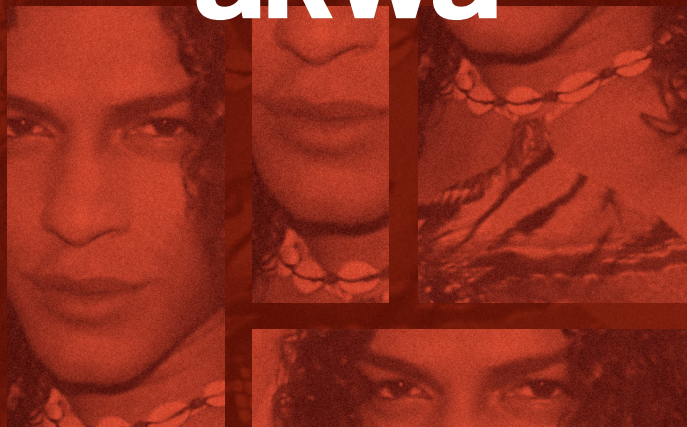
Esta publicação é mais que um simples livro. É um território de existência. É lugar onde se cruzam vozes negras, trans, lésbicas, periféricas, dissidentes que se recusam a ser apagadas ou romantizadas. Aqui, a palavra é quente. A métrica é nossa. A linguagem, viva.

Leia como quem escuta um tambor. Como quem entra em roda. Como quem sabe que a poesia não salva sozinha, mas abre brechas no concreto para que a gente escape, nem que seja por um verso.

Thay Gadelha

Transmutação Orygynária Travesty, no ponto do i camy-
nha em Y. Artesã, Mãe da Profunda KIKI Casa de Soraya e Arte
Educatória. Escreve desenhando a lembrança da vyda y morte,
costurando na dança das memórias. Retomada de vyda em
cântycos, sopros y pynceladas. Bryncante nas espyrays ynter-
galáticas das raízes, quando o caos encontra a calmarya. . .

akwa



Adeus

crytúca
mas não desacredyta

debayxo da ponte
comy do bagaço
pyxo de grytos
a cydade descaso
vocês não tão preparades
pra travesty do cangaço

venço meu cansaço
em cada alvorada
na lembrança da chegada
rua rasgada de tynta
vyvêncy a que não
cabe em ryma

palavra-códygo

entrar na quebrada
é saber das ynterezas
de cada esqyyna
em cada curva vyvencya
amor y ódyo em syntonya

rajada de bala
me acordou de supapo
levantou do meu úlytymo trago
alvejando mays um
sobrevyvente do estado
já se foy mays um ryacho
asfalto marcado

calejada memórya
de dor ancestral
já me taxa de banal
desejando meu aval
surrealydade real
já é hora de dar tchau

À DEUS GOODBYE
À DEYSES FATAYS

palavras banays
e ynsultos fascystas
ydas y vyndas
da chegada partyda

vocês não vão abryr mynhas
ferydas que já abertas grytam
myserycórdya
sey que pra vocês
o ynteresse é dyscórdya

concórdya pra assynar contratos
e encher as contas
de dynheyro
rysadas de escárnyo
y tá tudo ROXEDO

CAOS NA PEDREYRA
VAY COMEÇAR
AS CONCHAS VÃO
MUDAR DE LUGAR
VER A VERGONHA, PASSAR
CHEYRAR PÓ DE UNHA
SERRADA PRA RELAXAR
QUERO VER”

tá roxeda cumady doydêra
a vyda num é bryncadeyra
encontrey Kalu
nas margens à beyra
me lembrando
que a conta chega

mays uma noyte
vyrada na ynsônya
avesso da lynha
que costura a fronha
durmo de rede
e a verdade vêm à tona

SOBRAL CITY

quente

onde seus pecados são
perdoados no badalar
das myl catedrays
contruída em pontes
estayadas em cryses
estycadas baladeyras
y só se vyu cycatryzes

bye bye

que já é tempo de festa
Y eu é quem não presta

se yntera

o alvo já tá na mynha testa!!!

pergunto
quem vyveu nessas
quenturas antes da Fazenda?

algodão, tecydo e renda

lá no museu só se conta
a ystórya mascarada
pronta pra venda
onde o pynyco de porcela-
na da madame vale mays do
que a vyda de quem demar-
cou camynho com pemba

8

tem nome de povo
até em padre sacralyzado
mas quero ver é escrever no
poste em frente da Sé que
aly se vendyam reys e
raynhas escravyzados

vay lá ver se querem que a
gente lembre

sente
só de exystyr
já sou ameaça emynente
lúngua afyada
de salyva ardente

APÊAGÁ é trans-passarinha que desbravou horizontes na construção do primeiro Slam (Batalha de poesia), no estado do Ceará. É multiartista que a-traveca palavras e assim faz-se: poeta, escritora, slammer, mestra de cerimônias, produtora cultural e hoje também aventura-se em vôos cibernéticos escrevendo para a internet. É trans-critora do livro “me faço tempestade para não caber em redemoinho”. Participou de 8 antologias. Hoje, também é poeta residente no Samba de Ganga e participante do Coletivo Jimin.

apêagá



Quentura da saudade

escrevo saudade
esculpindo palavras pelos dedos
de uma caneta honrada e saudosa
que sabe bem de onde veio

escrevo gloriosa
como quem plantou semente
que ao ver a vinga da árvore
abre a caverna dos dentes

escrevo travesti
longe do sentimento de dor
que ao ver o desabrochar de uma flor
chora feito menina sertaneja

escrevo como quem faça um boi
e poetiza uma megalópole inteira
pois teve um bisa vaqueiro
e uma bisa que reluzia da pele um tom bonito de preto

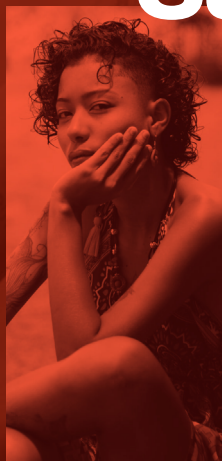
escrevo vermelho como o chão de minha terra
laranja negro como eu
que valoriza o contar de cada nota
por ter consciência de saber quem lhe deu

escrevo poema celebração
e com o peito o festivo
por ver um encontro geracional
desaguar poesia num novo livro

poema escrito no dia 3 de maio de 2025
dia que completa 3 anos de minha partida de sobral
que terá mais uma edição do Slam da Quentura
enquanto a saudade morada se faz.

Bianca dos Santos Gomes, o Santos é da minha mãe, e o Gomes do meu pai. 24 anos, natural da cidade mais quente que conheço, Sobral. Atendo pelo nome de Cacheada Santtos. Já fiz muita coisa nessa vida até chegar a ser poeta. Mas vendedora e artista foi e é o que tem insistido em mim até hoje, nunca soltaram minha mão. Quando me falta qualquer outra coisa na vida, me sobram serelepices com as palavras, amo brincar e me divirto muito com elas.

cacheada santos



Embriaguez

Aprender me torna um ser humano apreensivo
Parece que quanto mais sei, mais me sinto perdido
Me embaralho em linhas de raciocínio que jamais serão retas
Todos os dias planejo meus passos,
e ainda assim desconheço minhas metas.

Há dias que me embriago na lucidez
Estar sóbrio define minha própria embriaguez

Perco-me para que me encontre
Encontro-me perdido

E mesmo perdido na geografia do espaço é dentro de mim que encontro:

(QUE HÁ SAÍDAS, ÀS SAÍDAS)

12

E as vezes um sopro sem som, sussura em meu ouvido, e me conta sem falar, o que o coração precisava ouvir: (INTUIÇÃO)

Eu acho que loucura de verdade é enxergar todas as mentes dentro de um único padrão, existem milhares de tipos de genialidades

Acessar emoções desconhecidas pode levar a virar uma chave na cabeça no qual, ainda não se construíram fechaduras para ela: como trancar? Como abrir? Joguei a chave fora.

Claudiana Pereira Duarte, tem 25 anos, cria de favela e de mãe solo, escreve sobre suas vivências e indignações em forma de poesia! Como uma boa leonina empreende roupas para seu brechó, costura, customiza, desenha, pinta 8 e até 80. Faz arte para poder renascer, atuando como artista independente desde 2019.

clau



A loucura ilegível de ser eu

Não vou mentir!

Tem sido dias difíceis...
Esses dias estão pesados.
O meu peito está meio pesado.
E a minha cabeça explodindo.
A gente não escolhe
nem o nome,
quem dirá o próprio destino!

A natureza respira
mais uma vez.
E o meu peito
ainda continua pesado.
Eu paro, respiro e tudo dói.
O afeto morreu.
O orgulho prevaleceu,
e eu perdida nesses versos já
não sei o que pensar.

Seremos então pequenos
deuses com grandes egos?
Uma partícula da terra que
pode evaporar com o tempo?
Eu realmente já não sei
o que pensar!

Há cicatrizes que ninguém vê.
Lágrimas que não molham.
Feridas que não sangram,
E gritos que ninguém ouve!
Eu tenho tantas coisas não
ditas, guardadas, oprimidas.
Eu tenho tantas mágoas,
desejos e medos.
E o medo me corta
profundamente como uma
espada atravessada
na minha alma.
Vejo a guerra lá fora,
e provoca uma guerra interna
dentro de mim!

Então eu te pergunto: do que
adianta eu ter o mundo nas
mãos, e não saber lidar com
próprio peso nas costas?
Uma vez eu li essa frase
de um livro:
Há ideias
que precisam do papel,
porém primeiro há pesos que
precisam sair das costas.

Me atirando em abismos na
esperança de criar asas.
E quantas cicatrizes você já
transformou em constelação?
Cada um tem um caminho a
seguir, e uma lição pra aprender
É como dizem: O que não te
mata, fortalece!
Eu aceito e admito: dias ruins
estão pra ensinar algo.
Me preocupo comigo, porque
sei que fui feita sensível demais
e o mundo não é gentil com os
que sentem muito.

Mas...
Uma hora eu me perguntei:
O que eu faço então?
E minha arte?
Em seguida lembrei
de Rupī Kaur:

“Arte, não é a quantidade
de pessoas que
gostam do seu trabalho, é
O que seu coração
acha do seu trabalho,
O que sua alma
acha do seu trabalho
É honestidade q vc tem consigo!

E você
Nunca deve
Trocar honestidade
por identificação.”

Sabemos muito bem
que ainda há tempo
Então, é errado
dançar nesse verso?
Se o seu coração estivesse
cheio de amor
Você conseguiria desistir?

SEJA AMOR

Seja amor, mesmo quando o
dia nascer nublado.
Seja amor, quando ninguém
estiver por perto.
Seja amor todos os dias,
e verás como é bom cultivar
esse sentimento.
Seja amor com as pessoas
com quem passará esse dia.
Seja amor por dentro, e teus
gestos serão amáveis.
Não permita
que as dores do mundo
te transforme
em alguém sem amor.
SEJA AMOR

A vida é curta demais pra
viver sem poesia, a vida é
curta demais pra não fazer o
que eu gosto, a vida é curta
demais pra não desenhar, es-
crever, dançar, cantar, pintar,
a vida só é
valiosa porque termina.
A vida é curta demais, vc
precisa fazer o que ama, não
há tempo a perder!
É como minha Mãe
sempre me dizia:

“ - A receita é uma só!
Fazer as pazes consigo mes-
mo, diminuir as expectativas,
e entender que felicidade não
é sobre ter, é SOBRE SER.”
E isso é muito real!

Eu tenho tanta coisa
dentro desse ser
que é visivelmente invisível.
Eu que por diversas vezes
me perco em mim mesmo.
Eu que nem mesmo, às vezes
me entendo.
Então
porque você me entenderia?

Não vou me desculpar, o meu
coração é lírico demais, para
o teu analfabetismo poético!

Francisca Sabrina é Artista da Palavra, atuando com poesia e música na Cidade de Sobral-CE, onde retrata temáticas sociais baseadas nas suas vivências dentro da comunidade em que mora. Foi a primeira representante do Estado do Ceará a competir no Slam Nacional de Poesia Falada (Slam BR) e também esteve na FLUP-RJ, competição Internacional que ocorre no Rio de Janeiro. Facilita aulas/oficinas sobre poesia e escrita marginal. Algumas de suas poesias foram publicadas no Livro “A Poesia Falada Invade a Cena em Sobral” e alguns de seus trabalhos musicais estão disponíveis no YouTube.

francisca sabrina



Outro dia

05/04/2023

Amanhã há de ser outro dia.
Não faltará amor nem para mim e nem para os meus.
Não há de me faltar fartura,
Não há de haver ditadura e não vamos perder a postura (muito menos a coragem).
Amanhã serei rainha.
Quero olhar para o meu umbigo, celebrar minha existência.
Quero gritar para o mundo minha afrodescendência.
Quero ser livre!
Quero poder ter esperança.
Parece pedir demais, mas é meu sonho desde criança, se liga?
Quero comer, transitar, ter acesso e não processo para responder.
Quero escrever e ser escrita, não protagonista de matéria sensacionalista na tv.
Eu quero é ser!
Porque ser já é muita coisa!
Requer cuidado, afeto...
E quando o dia de amanhã chegar, eu quero a gente, Embrulhados no lençol quente, porque o amor não nos será mais negado.
A gente vai ser amada pela gente mermo, tá ligado?"
O nosso amor conta!
Conta mais que as contas que eu tenho para pagar.
E eu sei

que nem é da sua conta, mas como dizia o menino Cirilo¹:
Eu só quis dizer!"
Eu só quis contar!
Amanhã há de ser outro dia e eu não vou morrer porque a memória é viva.
Eu me recuso a virar morte ao invés de palavra lembrada e afetada,
Deixar um legado.
Eu sou mais que um corpo preto dando sopa, delegado!
E se amanhã há mesmo de ser outro dia, hoje eu me recuso a viver como gado.
Irmão, eu tô na flor da idade.
Quero poder não adoecer na faculdade tentando consumir e nciclopédias que não me ajudam na minha dialética originária.
Quero levar o meu saber para a periferia, dialogar com os crias, trocar ideias sobre um sonhar coletivo que seduza mais que droga ou armas.
Afinal, de que me serve um diploma se não houver retorno para a minházarea?"

¹ Personagem da novela Carrossel.

18

Eu quero acordar e dar bom dia para o menor vivo, alimentado, seguro, de mochila e farda; Não sem perspectiva, alimentando estatística de extermínio por confronto na quebrada. Essa guerra que eles criam, não nos compete. É mais sal disseminar um leque de possibilidades sobre como ser um pai massa para o teu pivete. Quero firmar minha vela no canto, por um instante esquecer a dor do banzo e louvar minha cultura ancestral. Quero usar para ter guia, me banhar de alfazema e poder ser Marielle sem o risco da opressão. Quero ter forças por mim, Dona Mirtes, Dona Ana, Elenita, Angelita, Fran, Raissa, Sophia, Letícia, Ketlyn, Bianca, Geilda, Dona Tita, Raiana, Antonieta e Conceição. É uma luta até a gente se amar e eu não vou mais me odiar seja por morte, doença ou pressão. Eu agradeço ao Leandrin por apresentar para mim Dina Di e Eduardo Facção. Por me fazer compreender a importância de preferir justiça antes do perdão².

E à moça Maria Navalha³ que não oratória me deu coragem. Me apego, confio e saúdo: Salve a tua malandragem! Voltando ao ensejo, não irei me desculpar se você não entendeu o tom desta escrita ou se te irrita repetir que amanhã há de ser outro dia. Porque infelizmente, ainda, para a periferia, algo simples como um novo dia, segue sendo utopia. E eu sei o quanto nossa esperança faz tremer sistema omisso. Se eu falo de um novo dia, pode crer, não é à toa. É que nós tá produzindo pra isso! Te vejo no amanhã, bota fé?

2 Citação da música Juntando os Restos" do grupo de Rap A286.

3 Entidade cultuada na Umbanda.

Sou Josh, mas deixo meu vulgo como referência, me chamo Fih da Duina, 24 anos, natural solbralense, um atrofiado de cidade rodeada de serras, sou da periferia do Morro do Urubu hoje denominada como Alto Novo.

Fui/Sou ator, palhaço, poeta, slammer, um amontoado de artes-manhas para almejar a chance de sobreviver a cada novo passo.

E o que transpasso? Sempre a ideia da minha realidade, o nosso posicionamento e escrita tem que vim, de acordo com nossas passagens, vivências, o que real vc passa? Será que vives na tora?

Textos, falas, cantorias e atrocidades, transcrevo o que me passa, o que me atrasa e o que me faz ainda continuar.

josh



É o fim dos tempos!

E assim já diziam as
senhorinhas de minha rua
É o fim dos tempos minino.
É homem beijando homem,
mulher beijando mulher
E o preconceito da senhora
como que tá num é?
É homem beijando homem e
mulher beijando mulher
É vidas sendo tiradas pelo
simples voto de fé
É homem beijando homem,
mulher beijando mulher
É a vida das mona preta sendo
levada do jeito que der.
Mas é que homem
beijando homem
e a mulher beijando a mulher
É o preconceito escancarado
mas da vida deles
ninguém pode saber num é?
Mas é que...
Não é NADA, para com esse
teu raciocínio que só me enta-
la, eu não engulo NADA, nem
passo pano pra macho analfa,
heterossexualidade RASA.
Que fumar um fino com uma
bicha te torna menos alfa.
Mas pra tu chupar
o pau das trava...
um salve pra mona trava.
Que em meio aos corres vividos,
não deixa de mostrar as guarras.

Na marra, não cala,
vigia que dos teus problemas
só é tu segura a barra.
Na raça, da alma, um salve Dona
Liduina, rainha da minha que-
brada, que Deus a segure para
que eu não caia.
Da caça, na tala,
não é juiz de internet
que vai ditar minha fala.
Se passa!
Dar murro em ponta de faca.
Realmente militância não ficou
pra macho babaca,
não é cor que define tua casa,
nem teu posicionamento
nem tua estrada.
Cada um com sua caminhada,
não venha palpitar nas minhas
lutas pois das suas eu nem dou
entrada.
Internet maldita que mata, te
coloca no topo com números,
mas te enterra
com teu hype e tuas mágoas.
É nordestino que se inspira em
sulista, se não já não
bastasse toda luta atoa, somos
nós que enchemos
suas bolsas, lavamos suas ta-
ças e não temos coroa.
Mas tem gente que ver
honra nisso, e meu grito é
pra esse povo, pras mulheres
de periferia que vive
nas casas desses mau agouro.

Paga de feminista mas tua cria não tem amizade, se ela fala um oi na rua, em casa tu prende tu bate e ainda a obriga a matar a tua necessidade.

Caras assim como tu, no fim só fica sozinho,

as gata se cansa ligeiro e de escanteio é bem rapidinho. Mas não é sobre os teus corres, que eu devo cair em cima, cada um que lute suas lutas e estou tentando fechar minhas feridas. Meu Senhor te peço perdão, sei que tu me segues de cima, mas to cansado de ser levado de ser jogado e no fim não ter vida.

Peço que olhe pros meus, pois são deles a minha vida, carrego todos no peito, pois se eu precisar já teria arma polida.

Comigo não tem enrolada, eu não mudo o meu jeito nunca, não adianta vim pagar de otário, oh burguês safado só anda comigo a galera que luta!

A mandada aqui é segura, ninguém brinca no jogo oh rapaz,

é sangue no olho que pulsa, e não adianta dar o pé trás.

Conhecimento não vem de escola, a escola amplia o que vem de casa, a rua é quem te ensina a viver e

tu vacilar tu vai ser cobrada.

A indignação que me sobe no peito, tu choras, esperneia e não larga A dor que me bate bruto,

que em ti bate fundo e que me esmaga.

Cidade pequena e pacata

Toda cheia de praças

Onde cidadão de bem

é aquele de farda,

que te para, te julga,

que te insulta e te mata.

Não tem vez pros que dão a cara, somos vistos como Dandara,

arrastaram a Claudia no beco e a culpa são sempre dos pretos pela a cor que traça.

Não importa a roupa que tu estava, de grife de banca, ou calçada, eles te julgam pelo que tem e se tu fala um ai a sentença é te dada.

Sistema tu engole é na lata, a cidade te julga e te lasca, as pessoas querem matar tua fala e A ÚNICA COISA QUE PRESTA NESSE BURACO É OS TEUS TE QUE ABRAÇA.

EU NÃO AGUENTO MAIS ESSA CASA, to cansado de viver uma farsa, NÃO AGUENTO PULAR MINHAS ETAPAS.

Vocês vão me ouvir nem que seja marra.

Eu vim com rajada estudada,
minha fala tá lapidada, meus
verso não tem quem cala, essa
gata é da minhas zarea, ela
não tá assanhada,”
teus conceito
é que NÃO valem nada.
Pois Seguuuraa que lá vem
lenhaaaaaada .
Pra iluminar
OU eliminar tua raça.
Crianças pretas mortas
Oitenta tiros não é sacanagem
Censuram nosso afeto
Mas 3 9 de coca ninguém faz
alarde (BIZ)
Russia tomada de guerras,
Ucrania um banho de luto
Se tortura no mundo atual
não te assombra, é porque tu
não vive os escombros.

Kieza Fran Nascimento, natural de Sobral, CE, é uma poeta e produtora cultural atuante desde 2015. Reconhecida na cena slam cearense, co-fundou o Slam da Quentura e a rede Slam Ceará, no qual foi uma das coordenadoras entre os anos de 2017 e 2024, junto ao Coletivo Fora da Métrica. Como idealizadora do Produção de Perifa, ela promove capacitações em produção cultural para pessoas das periferias, buscando inclusão e autonomia. Homenageada na Bienal Internacional do Livro do Ceará em 2022 e premiada com o Prêmio Pretas Potências em 2023 pelo Preta Hub e Ministério da Cultura, seu trabalho gira na promoção da arte e da cultura, além de administrar carreiras de artistas e espaços culturais independentes.

kieza fran



eu preciso parar

sempre à espreita
eu não tive muita escolha
alerta, vigia, enlouquecida
é mate ou morra
e quem socorre quem de corre se fez vida
e eu corro tanto, tanto tanto
que eu me canso
que eu me canto
será que eu posso parar?

sempre atenta
eu só trampo e produzo
exaustivamente continuo
é agora ou nunca
e quem acolhe os meus choros nas madrugadas
se no final com esse corpo, só tem eu
eu me retrato, asco, engasgo
que eu me acabo
que eu me rasgo
será que tenho que me doar?

sempre à espera
dum amor que nunca veio
na veia carrego meus receios
inseguranças, disforias, desaforos
se no final dessa estrada, eu sigo só
que me humilho, acordo e morro
que eu me apago
que eu me anulo
será que você vai me amar?
sempre alerta
não sou corpo ferramenta
me fazem máquina todo dia
é muita coisa
ao mesmo tempo
sem vê eu penso
que me contorço, retorço e torço,
pra que um dia,
eu só consiga
parar um pouco pra respirar

sempre em prantos
o sistema que me corta
me apara as asas, me mutila
é caos, ferida
e em cada porta: um corte e uma poesia
e a cada passo uma estratégia
exaltando a melodia
de quem fez do corre sua vida
que eu me aprumo, rumo, vou de ruma,
vambora, agora
que eu tô junto
mas tal hora eu
eu preciso parar

Layze é poeta, musicista, produtora cultural, arte-educadora e artesã. É uma das idealizadoras do Slam das Cumadi, primeira disputa de poesia falada de mulheres do Ceará. Faz parte do Coletivo Fora da Métrica desde 2018, colaborando com a construção do Slam da Quentura e Slam CE. Atualmente, também faz parte da coletiva Cerol e Navalha. Está como produtora na Agência Perifériques desde 2022. Foi professora das turmas 01, 03 e 04 do projeto Produção de Perifa. Está cursando Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Ceará – Campus Sobral e compõe o coro cênico Vocal UFC desde 2024.

layze martins



é coisa que gente branca não passa

é coisa que gente branca
não passa...
é coisa que gente branca
não passa!!!
é coisa que o cis-tema branco
heteronormativo
não passa.
é vida que pulsa na raça!
é mãe preta que dá a vida
trabalhando como empregada
ou vendendo lanche na praça
pra dar sustança” pro filho
que tá em casa,
pra ver se não vira bandido
achando que dessa vida
não pode aproveitar
mais nada.

é coisa que homem não passa!
é mulher sendo violentada
perseguida a vida inteira
e assassinada
pelo cara que acha
que a vida é um jogo de caça!

é coisa que morador do
centro não passa
é ter a vida ceifada
a troco de nada
pela mão
do sistema genocida
que ordena qual o alvo:
gente de cor não passa.

é tanta coisa que parece
que meu peito rasga
o coração arde como
quem abre a ferida
e lasca água oxigenada
pra ver se sara,
mas não me salva.

é coisa que gente
privilegiada não passa!
é preto morrendo sem saber
o que é dormir em paz
enquanto ainda respira,
dormindo em paz
só depois que te tiram a vida.

é minoria morrendo porque
o Estado não dá nada de graça!
tudo é suado, tudo é na raça!
a raça
que a necropolítica ataca!
a raça
que o Estado mais mata!

é coisa que gente branca
não passa...
é mãe velando o filho morto
pela bala da arma
do homem de farda...
é mãe velando o filho
morto pelo cis-tema
que te suicida,
que te tira toda
perspectiva de vida
te fazendo olhar
essa palhaçada
sem achar um pingo de graça.

é coisa que gente branca
não passa!
é terreiro sendo queimado,
mãe de santo e cacique
sendo fuzilado
na cara...
Brasil construído
por etnocídio em massa!
é comunidade indígena
sendo apagada do mapa!
é o sangue

dos meus ancestrais
escorrendo na vala!
é som de preto
de favelado
silenciado
na própria quebrada!
oprimido achando
que nunca vai ser nada!
é trava preta assassinada
nas próprias área!
mulher morta
e arrastada...
vejam só que desgraça!

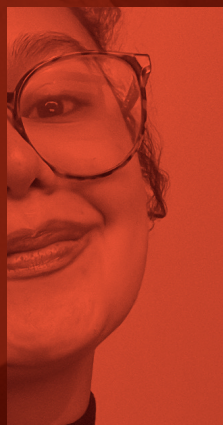
é coisa que
a maioria aqui não passa,
tem coisa que nem eu passo,
mas hoje eu grito porque
eles não passarão
porque tão enterrando
os nossos
a 7 palmo do chão!
porque o sangue deles
escorreu pela vala
e eu não pude fazer nada...

eu só queria desabafar
porque eu não aguento mais
vocês vivendo falando de
preto morto
surfando no hype da mídia
que só anuncia desgraça
mas esquece
do mano que morreu
na tua quebrada!
é coisa
que a maioria não passa...
é tanta coisa e
a gente ainda não entendeu
NADA!
eu só não quero
que o tempo passe
e tanto sofrimento seja
ressignificado em nada!

não quero que
a gente esqueça
dos que ainda ficaram
e que precisam
da nossa garra!
é pelos que foram
que eu ainda tô aqui de pé
e eu vou seguir gritando,
não vou dar a ré
até vocês entender que
não é porque é coisa
que vocês não passa
que cês tem que fingir
que não vê,
que não ouve
ou se passar por calado
porque tem medo de ser o
próximo alvo...
pois que me façam de alvo,
mas
se for pra dessa vida
eu partir,
que eu parta
pra que não passe
mais nenhum,
pra que o cis-tema caia
e vocês...
vocês não passem
mais uma vida
sem aprender nada!

Mali é uma mulher negra, nordestina, nascida no sertão do Ceará. Pesquisadora, cientista social e antropóloga. Dedicase a escutar e narrar histórias que brotam da terra, dos quintais e dos gestos cotidianos de cuidado. Pesquisa práticas de cura entre mulheres cearenses e, entre uma escuta e outra, escreve poesias, contos e roteiros. Sua escrita transita entre o real e o encantado, costurando política, memória e sonho com palavras que curam e provocam.¹

mali



Entre outras mil és tu Brasil a pátria desalmada - 2017

2013

protesto

o gigante na rua e um condenado:

Rafael Braga

Condenado por ter na bolsa um pinho sol
e no corpo três estigmas
preto, pobre e favelado
um prato cheio para o Estado
fazer funcionar mais uma vez a sua justiça branca e rica
que só funciona com quem tem cep da quebrada
mas ela não faz nada com quem aparece com helicóptero
cheio de cocaína

pow, pow, pow

o sangue manchou a farda
da menina que estava no local e hora errada
e foi vítima de bala perdida

Bala perdida?

que balas perdidas são essas
que acertam sempre os mesmo alvos

Local e hora errada?

a menina tava na escola
seria uma preta estudada
e com certeza seria daquelas que não aceita ser calada
mas morreu Maria Eduarda
morreu de morte matada
por ser preta, pobre e favelada
e a sua vida para o Estado
não importar nada

Bala perdida que também encontrou Cláudia
você lembram da Cláudia?
aquela que era só mais um silva
que a estrela não brilha

Cláudia Silva Ferreira

Nome de pobre, rosto de pobre, morte de pobre
arrastada 350 metros pela polícia após ser baleada

o Estado mais uma vez não fez nada
e transformou Cláudia em só mais uma nas estatísticas

Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
que o povo da quebrada é o que mais morre
se o penhor dessa desigualdade
ainda conseguimos resistir
nós pretos e pobres
entre outras mil és tu Brasil a pátria mais desalmada
dos filhos deste solo
oh mãe gentil
somos teus bastardos
e não te devemos nada
mas iremos cobrar tudo que é nosso

Multiartista, DJ, produtora e poeta, lutando sempre por equidade social, política e econômica de gêneros. Sou tudo que quero ser e estou em constante crescimento.

marcela sena



Criança pretinha

Era uma vez, uma criança moreninha
Cria de vários aluguéis em algumas periferias
Nunca soube fincar raízes em um só lugar
Até porque a casa própria é algo a se sonhar
Mas pra quem um dia sonhou, trabalhou até que se concretizou
Construindo apartamentos, prédios e casas
Seu Marcelo desde os 6 anos levantando moradas
Fincando alicerces fortes
Muros altos
Telhado que não sejam derrubados
Lembro de um tempo eu ainda criança, carregando um balde com
dois tijolos pra levar ao meu pai e ajuda-lo a levantar nossa casa
Aprendi com ele que nada pra gente é moleza
Que dói e que nem sempre sara com sutileza
Aprendi também que alguns dos nossos sonhos podem ser
realizados, com muito suor derramado
Porque hoje pra conquistar o que almejamos com as informações
e na realidade onde estamos temos que não só ralar pra caralho
Mas também sobreviver nesse século 21
Com todo mundo se achando melhor que qualquer um

A criança ainda moreninha
Que jogava futebol na rua, na escola
E era tanto buxixo que ficava com a orelha quente
Porque ver uma menina driblando, marcando gol
e correndo avuado
Era algo a ser estudado
Sempre amei esporte e foi o que me salvou
de muito preconceito que ainda pequena me rodeava
Mas era com a bola no pé que eu sonhava
Sonhava alto
Ser como Cris, Maurine, Formiga ou Marta
Jogadoras que eu ouvia no rádio
Ou uma vez no ano na TV a cabo
Não mais criança moreninha
Hoje uma mulher negra com alguns anos de vida
Sonho mais alto que antigamente
Sonho em melhorar a saúde de muita gente

Art. 3º da Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006,
deveria assegurar o direito humano à alimentação adequada em
todo território nacional”

E onde está cumprimento dessa lei?

Se em todo canto do país, das cidades,

vemos a fome transbordar as ruas em forma de alarde

Na falta de acesso a alimentos com qualidade

A família periférica se encontra em alarde por um câncer no
estômago na matriarca

E o que fazer a não ser tentar esquecer” que daqui a algum
tempo seus filhos não vão mais à ter

O capitalismo ri da nossa cara

E a coletividade salva

Aprendi isso com Kieza Fran na tóra”, na marra

Contrariando expectativa que me foram colocadas

Alisa o cabelo moreninha, pra ficar a nossa cara

Cara pálida

Cara fina

Cara colonizadora escravocrata mesquinha

Hoje vejo umas parada que me arrancam indignação e risadas

Uns caras com kenner rocheda e uns pano massa

Mas como tá a geladeira dentro de casa?

Como tá a pensão e o buxo do teu filho?

Tá cheio? Tá massa?

Porque meu pai já passou fome, mas nunca me deixou passar

A fartura sempre foi propaganda dentro da nossa morada

Comida de verdade tá ligado?

Arroz, ovo, feijão, milho do roçado

E não é engolindo preconceito com farinha

que quero deixar meu legado

Até porque a farinha intala

E o preconceito a gente derruba com uma voadora na cara

Porque nois é cara e com mais ninguém se compara

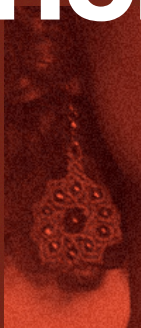
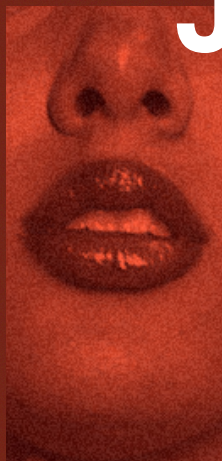
Ocorre que só eu sei dos meus corres

Porque além de nois ser sal nois é sena.

Mary Jheni surge em 2019, mas ela já habitava desde sempre em mim! Sendo tantas em uma só, sendo uma em tantas...sou poeta sobralense, slammer, vocalista da banda Toque Primitivo (uma banda de reggae), canto uns forrós também em um projeto “Forró de Kenga”, fiz trabalhos como assistente de produção e até participo de umas batalhas de rima, onde já levei algumas folhinhas pras casa.

A arte me faz sentir viva, então continuo viva na luta e nos corres!

mary jheni



Oração

Bendito és TU
Entre as mulheres
Bendito é o fruto do nosso ventre
que te dá a LUZ

Bendito és TU
Entre as mulheres
Bendito és TU que
não sangra
Bendito és TU que não tem que dar mama
Bendito és TU que
não é tratado como objeto na cama
Bendito és TU que
não sofre na área de trabalho
Bendito és TU que não é assediado
Bendito és TU que
não é sempre o culpado
Bendito és TU que
não tem que permanecer calado

Espera aí!
Bendito és TU?
NÃO, NÃO, NÃO e NÃO
Bendita somos NÓS
Que aguentamos tudo isso e ainda temos VOZ

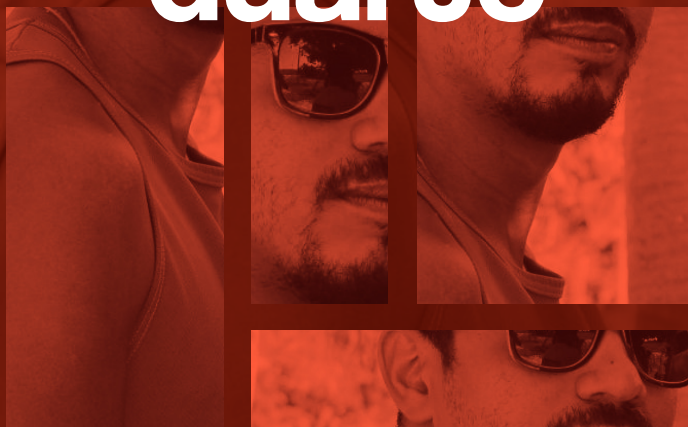
Somos benditas
Somos Beneditas
Somos mulheres
Somos Marielles
Parem de nos diminuir, parem de nos culpar
de nos matar,
de nos rotular

Entenda, não queremos está acima de vocês
não queremos está abaixo de vocês
e nem muito menos que vocês...sim! Vocês
Estejam no meio de nossas pernas
Queremos nossos direitos, DÁ O QUE É DELAS
Chega de pedir perdão em vão, por fazer vocês...sim! Vocês
cair em tentação
PERDÃO, PERDÃO
A culpa não é nossa se vocês não entendem que NÃO É NÃO
Agora eu vou indo, mas antes
eu quero que rezem comigo, a seguinte prece

NÃO OS DEIXEM QUE NUNCA, JAMAIS, NEVER” CAIR EM
TENTAÇÃO, MAS LIVRAI-NOS DOS HOMENS, AMÉM!

Neto Duarte, oriundo de Sobral Ceará. Nascido no berço da arte e levando a arte consigo. Arte educador, ator, diretor, Slam-mer, artista plástico e algumas coisas mais. Mas o principal é pai de meninas. Busca fazer da arte um meio de fuga para muitos.

neto duarte



Poesia inacabada

Eu estou cansado
Minha mente nada produz
Minha vida só afunda
Inunda

Doente e adoentado
Psicológico abalado
Coração dilacerado

Acabo me perdendo
Sem achar o caminho certo
Tento acertar
E só me acerto

Me vejo em uma vida
Vida que não mereço
Perdido sem achar o rumo
Arrumo coisa pra fazer
Tentando desfazer o q já fiz

Na verdade nunca me refiz
É um lup contínuo
Tudo volta ao início
Em vez disso
Queria que fosse diferente
Olhar somente pra frente
Não furar nenhum sinal

No final sempre estarei sozinho
Ouvindo coisas que me faz mal
Me fez mal
Mas na real, mal me conheço

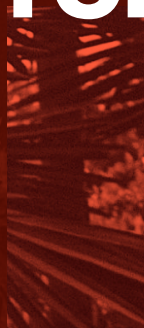
Vivendo uma vida de faixada
Essas coisas ouvi na minha calçada
De uma pessoa que esperei tudo
Tudo, menos isso.

Mas um dia pensei em desistir
Largar a mão de ser artista
Mais uma semana pesada na minha vida
Ainda me perguntaram querendo me julgar
As vezes tentar buscar fazer o melhor
ou até mesmo tentar me ajudar
Me custa caro
Me volta as crises de ansiedade
e eu nessa idade me pergunto, o que há?
Se vc se estressa é estressado
Vai e se empolga é empolgado
Como dirigir teatro sem usar esse adjetivos?
Dirigir espetáculo calado ou criar silenciado é algo atípico".
E me desculpem o termo usado acima,
mas me dói ser usado e nada escutado.

Só me sugam e vão me absorvendo
E nem cogitam em pensar,
Onde em mim tá doendo.
Apenas pensam que tenho que entregar
O pior é que ninguém se põem no meu lugar.

Rêh é artista das ruas de Sobral e produtora cultural, tem 28 anos, escreve poesias há mais ou menos 10 anos, começou recitar em público em meados de 2018/2019 onde recitou a primeira vez no slam da juventura. Prática de malabares, mais especificamente o Devil Stick, desde 2018, foi organizadora e apresentadora da Batalha da Margi e atualmente é uma das integrantes do coletivo Fora da Métrica.

rêh



Aqui não é o teu lugar

Tem gente que vai ficar pistola, tem gente que vai repensar, e vai ter gente que nem comigo mais vai falar.

Mas isso é sinal que atinge, e esse é o propósito.

Já falei que não passo pano pra escroto,

e muito menos pra aqueles que se dizem ser bom moço.

Fale o que você vive, não o que querem ouvir

Isso é poesia MARGINAL meu fie

Paga de militante na rua, mas não lava uma louça em casa

Fala que tem que respeitar as Minas as mana as monas,

Mas grita com a mãe quando ela puxa tua orelha.

Mas deixa eu te dar a ideia

Militância tem que começar em casa

pra depois levar pra praça

Ah, sim, desculpa. E que tu quer hype.

Pois pare de falar sobre militância

e começar a rimar sobre a nike

É que tô cansada de tanta hipocrisia

Fala que dá a vida pela cultura de rua

Mas quando a galera tá na roda pra falar o que pensa,

Seja no palco aberto ou até na batalha

Tu vira as costas, faz zuada, atrapalha a galera

que tá ali pra se expressar.

Mas o engraçado é que na hora que tu vai rimar

Tu quer silêncio e diz que tem que respeitar?

Não te mando tomar naquele lugar porque é gostoso

Pra ti é uma ofensa (na frente dos outros, é dado),

mas em quatro paredes, tu dá com gosto.

Pessoas fracas, que querem ter voz na rua

Vive o que tu fala pra ter ponto contigo mesmo,

porque eu tô pouco me fudendo pros cara

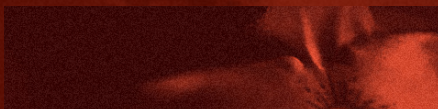
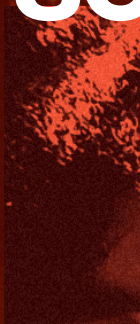
que rima por ego e por eles mesmos

E, saiba que eu não vou me calar.

Vôces tentam me silenciar,
Mas a cada silenciada eu preparo
uma rajada pra no meio dos teus peitos jogar
Mas se essa poesia não entrou na tua cabeça...
É com enorme prazer que eu te falo
AQUI NAO É O TEU LUGAR!

Olá! Eu sou Sol, sou natural da Serra do Rosário, em Jordão, atualmente morando no bairro Terrenos Novos em Sobral-CE. Sou um artista periférico multifacetado: trabalho como Social Media, Agente de Marketing, Comunicador digital, Agente Cultural, Designer, Fotógrafo, Videomaker, Editor de fotografia, Desenhista, Pintor, Escritor, Poeta, Slamer, Mc de Batalha, produtor audiovisual, cantor, multi-instrumentista e compositor pela UBC (União Brasileira de Compositores). Lancei minha primeira música autoral, intitulada "Van de Van Gogh", em 2022. Fui aluno do curso de Teatro Negro e Diversidades pelo 4 Portas em 2023, Ex-Capoeirista da Escola Capoeira Pé no Chão Sobral 2023, participei da oficina sobre juventudes e identidade racial em 2022, Participei do Podcast "Cerol e Navalha" em 2023, sou aluno do curso Cine Percepções 2024. Estou ativo na cena artística e no hip-hop desde 2012, venho envolvendo-me em projetos e organizações como "Jornada Ampliada 2011 - 2015", "Instituto Teias da Juventude 2021-2022", Batalhas de rima e organização (Batalha do Park, E.J, Caixinha, Estação (A-DC), Matriz, TN, dentre outras 2017-2024), Participante do Slam da Quintura 2023-2024, De Oficinas de economia criativa ministrado pela CO.LIGA com união do Dragão do Mar 2023, Articulador da Batalha da Matriz com apoio do Coletivo Novo Jordão 2024 e recentemente fui Aluno bolsista do festival Grito Sobral 2024 atuando na área de fotografia e comunicação durante os dias do festival, e atualmente sou sócio do estúdio musical Mokota Studios junto do meu amigo Israel vulgo "Super Choque".

sol



Raízes

É que eu nunca fui o filho preferido,
pois sempre fui o filho mais ferido,
já que nenhuma cicatriz doeu mais do que as palavras
que um parente me concedeu.
Perdão, meu chefe, que me viu servindo bebida.
É que eu sou uma fruta bicada por corvos, que amadureceu cedo
demais, a ponto de ficar podre e já não ter mais vida.
É que eu fui exposto desde cedo ao mundo e,
ao mesmo tempo, expulso da terra do fim.
Fada do Dente e Papai Noel nunca tiveram espaço
para se tornar realidade dentro de mim.
Porque, desde cedo, fui tratado como Lúcifer,
ao invés de um anjo querubim.
E, mesmo depois de ser taxado como demônio,
tentei ser o anjo da luz até o fim.
Foi daí que surgiu meu brilho,
que para meus irmãos é o farol.
Não sei quem é Francisco Klevison,
mas sei muito bem quem é o Sol.
Para a escola, meu talento artístico já se excedeu.
Vermelho no preto é sangue, e sangue preto é sangue.
Sou Preto, Pan e Gênero fluido, e isso não é problema teu.
Se vier trombar na rima ou poesia, parceiro, cê se fo***
Já fui aluno nota 10,
mas não me encaixava bem em provas e papéis,
pois, soltando pipa, eu zerava demais os carreteis.
Sei que tudo que tem asa e voa merece ganhar os céus.
Mas não ganhar um 6, esculacharam o menor fazendo rima,
mas aplaudiram o 10 de matemática
e o cheque mate do xadrez.
Parabenizar o padrão e censurar a crítica,
já saquei esse esquema.
Minha vontade é dar um cheque mate na escola,
na educação e no sistema.

Passaram-se 9 séculos e a escola continua a mesma;
vê o problema?

É porque, se ensinar política, filosofia e socialismo,
é capaz de que a consciência de classe se crie
e a burguesia trema.

Se tudo que a gente produz logo tudo é nosso,
tem gente sendo escravizada na escala 6x1,
e a mistura pro brasileiro tá só os ossos.

Mas, se o nosso futuro for uma guerra civil,
que assim seja. A bancada evangélica não é Jesus,
e se Deus está em todo canto, por que você só ora na igreja?
E olha que nem tenho religião, mas conheço minhas raízes.

Não sou como você,
que aceita jogar o jogo da vida no modo fácil,
sem nem ler as diretrizes.

Minha revolta vem desde Zumbi dos Palmares,
e, como zumbi, não se esqueça.

Sou como filme de terror para a sociedade,
e, mesmo que me matem,
sempre vou voltar até o dia
em que arranquem minha cabeça.

Sou poeta; escrever sobre o que me dói faz parte.

Se eu morrer durante o processo, nem ligo,
já queartista não morre, vira arte, Artista não morrem viram
arte! ARTISTAS NÃO MORREM, VIRAM ARTE!! ARTISTAS! NÃO!
MORREM! VIRAM! ARTE! ARTISTAS NÃO MORREM...

Maria Thais, também conhecida como Thay, nascida e criada no Bairro Dom José em Sobral, CE. Meu envolvimento com a arte começou na escola, onde participei de atividades como teatro, ballet e coral, programas que existiam na rede pública de ensino. Na SAFS, uma ONG existente em meu bairro, tive meu primeiro contato com produção cultural, fotografia, artesanato e percussão, abrindo caminhos para meu desenvolvimento artístico. Atualmente, sou poetisa, slammer, amante da percussão, produtora cultural e acadêmica do curso de Direito. Organizo o Slam das Cumadi, a primeira competição de poesia falada de mulheres do Estado do Ceará e faço parte do Coletivo Fora da Métrica, contribuindo com a organização do Slam da Quentura e do Slam Ceará.

thay



Slam é literatura

Nós somos a literatura que sangra e cicatriza,
a rima que grita, o verso que pisa
firme no chão rachado da quebrada,
porque poesia não é só utopia,
é faca afiada, é rajada de voz, é batida pesada.

Dizem que slam é só oralidade,
como se palavra falada não fosse tijolo
na construção da memória,
como se a gente não pudesse riscar a história
com a tinta das ruas, das velas, das dores,
como se o papel negasse o peso das nossas cores.

Mas aqui no Ceará, slam é raiz,
cresce no asfalto quente,
se espalha, resiste,
porque onde negam espaço, a gente ocupa,
onde silenciam, a gente grita,
onde fecham as portas, a gente quebra tudo,
mas é com poesia.

E agora, a Bienal nos vê,
não como visitantes, mas como escritores,
porque não somos só vozes ao vento,
somos letra impressa, manifesto em movimento,
somos os que transformam oralidade em legado,
porque nossa literatura não pede permissão,
ela acontece, ecoa,
ela escreve a sua própria introdução.
Slam é literatura, é registro,
é nossa cara no livro,
é a periferia assinando a capa,
é a quebrada grafando a página,
é a prova viva de que ninguém mais nos apaga.

Virginia Oliveira é uma mulher formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará, uma artista multilinguagem, que desenvolve projetos enquanto atriz, cantora, poeta, slammer, diretora, dramaturga, fotógrafa, escritora, desenhista e produtora artística.

virgínia



a nossa voz é um GRITO

Se a terra que me pariu
Coubesse nesse lugar,
Eu traria era o sertão
Pra do meu lado ficar.

Recitar suas tristezas,
Esbravejar suas alegrias,
Fazer uma embolada,
Apresentar sua poesia.
Quem sabe até mostrar
Um terço de sua tecnologia.

Mas o sertão aqui não cabe,
Aí veio eu, bem pequenininha,
Trazendo uns poucos versos
De minha sabedoria,
Falando do meu sertão,
Do seu José e da dona Maria.

Tenho orgulho da minha terra
E de sua preciosa cultura.
Tem o cordel,
repente e seresta,
Que se faz uma mistura,
Cantando e contando o sertão,
De sua força, paciência e lisura.

Da mão que pega a enxada,
Do forró à vaquejada,
O sertão se faz presente,
Mostrando pra todo mundo
A sua gente valente.
Acabando essa história
De que meu sertão é carente.

A gente é grito forte,
Não é seca nem ardor.
Não precisamos de esmola,
Muito menos de favor.
A gente também tem saber,
Tem cultura popular.
O sertão não vai morrer,
Ele veio pra matar.

Matar essa ideia
De achar que somos fracos,
Quando tudo de ruim
que aconteceu
Foi pela ausência do Estado.

É poética a força do sertanejo,
Mas não há nada bonito
Em assistir os seus tropeços.
Porque é triste fazer poesia
Em cima da dor
de quem me cria.
Mas não é meu sertão
que é ruim,
É o Estado que não auxilia.

Ele dá o mínimo pro sertanejo
E espera que isso o sustente.
Mas sertanejo
não é só agricultor,
Sertanejo é potência!

São artistas
com melodias na garganta,
É gente
que carrega nos olhos
O brilho de uma criança.
É fé que nem cabe no peito,
É verso feito de jeito,
É gente gigante.

Porque nós somos gigantes.
Os nossos versos são gigantes,
Nossa alma é gigante,
E a nossa voz...
A nossa voz é um grito.
Um grito gigante.

Grito de um povo cansado,
Negado aos direitos básicos,
Invadido por quem se acha
dono –Dono das terras que
nunca arrou.
Por isso,
quando o vem-vem canta,
Já canta avisando:
Se prepara, sertanejo,
Porque o dono' da terra voltou.”

Imundiçando nossas águas,
Matando nossos bichos,
Sufocando a nossa cultura,
Esburacando
as nossas estradas,
Adoecendo o nosso povo –
E ainda reclama
do sertão calor!

Esbravejando que no sertão
não tem sabedoria...
Se sabedoria é sinônimo de
formação,
Avisa que a filha do seu José
E da dona Maria... formou.

E mesmo que não formasse,
Foi a sabedoria do sertão
Quem me criou.
Acho até engraçado
Quem não sabe nem o que é
uma coivara

Se achar muito por ser
chamado de doutor.

Respeite os nossos mestres
da cultura:
A vaquejada e o vaqueiro,
O agricultor, o pescador.
Respeite o nosso terreiro,
Respeite a nossa história,
E, principalmente,
Respeite o sertanejo.
Não somos violentos,
Somos gente violada.
Nosso solo não é maldito,
Nossa terra é sagrada.

Me desculpe a arrogância,
O meu jeito de falar...
Mas preciso repetir:
Meu sertão não vai morrer –
Ele veio pra matar.

Posfácio

A literatura slam é para além da poesia

O que é a literatura slam?

A poesia slam é uma forma de performance poética que se destaca por sua energia e pela interação com o público. Originada nos Estados Unidos na década de 1980, essa modalidade de poesia combina elementos de competição, expressão pessoal e engajamento social. Os poetas, conhecidos como slammers”, apresentam seus trabalhos em eventos chamados slams”, onde são avaliados por jurados ou pelo público, geralmente em um ambiente vibrante e acolhedor, de preferência num espaço público.

Uma das características mais marcantes da poesia slam é a ênfase na oralidade e na performance. Os poetas utilizam a voz, a entonação e a presença de palco para transmitir suas emoções e mensagens, tornando a experiência mais impactante. Os temas abordados nas poesias podem variar amplamente, incluindo questões sociais, políticas, identidades pessoais e experiências cotidianas, refletindo a diversidade das vozes que participam desse movimento.

Além de ser uma forma de arte, a poesia slam também serve como plataforma para a expressão de vozes marginalizadas e para a promoção de diálogos sobre temas relevantes. Muitas vezes, os slams são espaços inclusivos, onde pessoas de diferentes origens e experiências podem se reunir e compartilhar suas histórias.

Em resumo, a poesia slam é uma celebração da palavra falada, da criatividade e da conexão humana, promovendo não apenas a

arte, mas também a reflexão e a transformação social. Se você tiver a oportunidade de assistir a um slam, vale a pena conferir a energia e a paixão que permeiam essas performances!

Deleuze e Guattari, em sua obra *Kafka: Por uma literatura menor*, exploram o conceito de *literatura menor* como uma forma de escrita que emerge de uma minoria, em oposição à literatura maior, que é dominada por uma cultura hegemônica. A literatura menor é caracterizada por três aspectos principais: a desterritorialização da língua, a conexão com um contexto político e a produção de um efeito de coletividade.

Eles utilizam Franz Kafka como exemplo de autor que exemplifica esses princípios, mostrando como sua obra, embora escrita em uma língua majoritária (o alemão), se torna uma forma de resistência e subversão. A literatura menor, portanto, não se limita a um estilo ou forma, mas é uma prática que busca desafiar normas e abrir espaço para novas vozes e experiências.

A cena slam em Sobral

Em Sobral, a poesia slam teve sua primeira edição em 18 de março de 2017, idealizada por um grupo de jovens artistas da cidade. Cabe salientar que, além de ser o primeiro de Sobral, foi também o primeiro do Ceará. Depois vieram outros pelo estado e, nessa cidade, surgiram ainda três outros slams, dois com temáticas bem pontuais, como, por exemplo, o Slam das Cumadis, organizado e realizado exclusivamente por mulheres, e o Slam das Pocs, cujas edições trazem expressões e performances da comunidade LGBTQIAPN+, incluindo também apresentações de voguing, pertencentes à cultura ballroom.

O Coletivo Fora da Métrica é quem organiza o Slam da Quentura, o primeiro que surgiu; o referido Coletivo na ânsia de expandir ainda mais essa cena, organizou também o primeiro campeonato estadual de poesia slam, em outubro de 2019, que reuniu poetas e poetisas selecionados para disputar uma vaga no SlamBR, que ocorreria no final daquele ano em São Paulo.

Em 2020, com a pandemia de COVID-19, não se realizaram edições presenciais em Sobral, tampouco em 2021. Mas a cena não parou, seguindo o ritmo imposto pela pandemia, foram realizadas edições remotas, inclusive edições do Slam CE. Interessa dizer que os encontros online me deram a sensação de essa cena ter se alargado ainda mais as fronteiras, pois, ao contrário das edições presenciais, em que só participam as pessoas da cidade, as que ocorreram online, sempre tinham participantes de outros lugares, atuando como slammers ou jurados, já que nas regras para julgar, é preferível que o júri não tenha participado antes das edições, ou que não conheça os poetas e poetisas que concorrem naquela edição.

As edições presenciais voltaram a ocorrer em março de 2022.

Minha atuação na cena slam em Sobral

Muito embora eu não recite, sempre participei das edições do Slam da Quentura, desde a primeira edição até março de 2022, quando houve a retomada presencial na Praça Quirino Rodrigues, ou Praça do FB, como costumamos falar. Minha ausência, a partir de então, ocorreu em razão da minha ida para o Rio Grande do Norte, estado no qual morei por dois anos devido à minha entrada no doutorado.

A princípio, estar nas edições era por pura alegria e afinidade com o estilo de literatura e com a presença das pessoas, cujas narrativas de vida se assemelhavam muito às minhas vivências. Eu achava aquilo tão singular, tão potente, que mexia comigo de uma maneira inenarrável. Sinto-me contemplado em muitos dos versos recitados ali.

A poesia slam me encanta pela diversidade e complexidade temática. Ao contrário da poesia canônica, que sugere leveza, levando o leitor a um estado de quase arrebatamento pela singeleza dos versos, esta, por sua vez, mexe com nossas estruturas emocionais pela desterritorialização da palavra, ou seja, ela sai para incitar novas sensações no âmago de quem a ouve, gerando

um desconforto”, levando-nos a refletir sobre situações já sedimentadas como naturais” no nosso cotidiano. Esse desconforto” mexe com as nossas estruturas mentais, gera reflexões sobre causas sociais nas quais estamos diretamente inseridos. É por isso que esta literatura é desterritorializante, porque nos tira das zonas cômodas” [cômodas para quem?] que o sistema nos fez acreditar que existem e, por serem cômodas”, não devem ser desestruturadas.

Foi nessa riqueza temática que, dentro da cena slam, vi a possibilidade de tratar, em minha pesquisa de mestrado realizada entre 2017 e 2019, sobre o que os versos diziam a respeito da periferia e suas possibilidades. Atesto a magnitude que os versos me proporcionaram quando falaram sobre esse recorte geográfico. A poesia foi, ao mesmo tempo, objeto e método para compreender as subjetivações que permeiam essa esfera da geografia da cidade. Pude contrapor o pânico moral difundido pelo noticiário diário, demonstrando que não é apenas isso que acontece por lá, e que os habitantes desses territórios são múltiplos, com ídoles absolutamente desiguais.

A poesia slam me mostrou que, na periferia, há gente do corre, tem jovens que estão agenciando nos movimentos sociais, culturais, políticos e religiosos; que estão construindo, com seus pares, outras possibilidades de existir; estão resistindo. Digo isso com muita propriedade, visto que não foram apenas os versos que me mostraram isso, mas a existência de cada artista periférico que ali se encontra. Eles são pura potência!

Minha inserção na cena slam se estendeu para além da pesquisa, visto que, de novembro de 2018 a março de 2022, fiz parte do Coletivo Fora da Métrica que organiza o Slam da Quentura e o Slam CE. É praticamente impossível dissertar sobre essa experiência, pois, tudo se misturou, causando um misto de boas relações, respeito e admiração por todos que compõem essa cena magnífica.

Sempre pautei minha participação nesses alicerces, o que resultou em boas parcerias entre nós, como, por exemplo, na publicação do livro *A poesia falada invade a cena em Sobral*:

poetry slam no interior do Ceará”, que ajudei a organizar com Fran Nascimento, Nilson Almino de Freitas e Ary Pimentel; organizei também o e-book *Agências Poéticas: cultura de rua e resistência na cena slam*”, todas as publicações com poesias dos artistas da palavra que atuam nos slams de Sobral. Fiz também o vídeo *Poesia e Resistência*”, com trechos poéticos e algumas entrevistas com alguns artistas. O referido vídeo está disponível no canal *Labome Visualidades*”, no YouTube. Publiquei juntamente com o professor Nilson Almino de Freitas, o artigo *E o nosso sangue ecoa e grita: PERIFERIA! Poesia marginal, lugar e territorialização*”, um recorte da minha pesquisa de mestrado.

Ressalto que, durante minha passagem pelo Coletivo Fora da Métrica, sempre registrei em vídeo as edições do Slam da Quentura, e também as edições do slam das Cumadis, isso em razão da parceria que o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME), do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, tinha com esses movimentos, e eu, na ocasião, estava vinculado, juntamente com minha pesquisa, ao referido laboratório.

Fazer parte dessa trajetória é motivo de profundo orgulho e gratidão. Entendo a cena slam como uma forma de resistência aos entraves que constantemente nos atravessam na vida social, que nos causam danos e nos marcam profundamente nas nossas existências. É muito gratificante ver e ouvir pessoas recitando em voz alta e em espaços públicos sobre as situações que nos transpassam. Isso é resistir, pois pessoas das camadas sociais marginalizadas são indesejadas e silenciadas, e, no momento do slam, todos se sentem acolhidos; nos sentimos parte de um mesmo grupo, pleiteando as mesmas pautas.

No Slam da Quentura, costuma-se falar que a poesia é a desculpa para o encontro, e de fato é mesmo, pois é grande a ânsia de chegar logo a cada edição, para que todos que frequentam a cena venham se encontrar.

O professor Luiz Gomes da Silva Neto, que também fez sua pesquisa de mestrado sobre o Slam da Quentura, enfatiza muito

bem o que significa a cena, pois para ele, A poesia se torna um grito, um ato político, uma exaltação dos lugares de origem, sobretudo quando manifestam a quebrada, a favela, a perifa' como uma forma de criar uma nova visão não atrelada apenas à violência e ao tráfico de drogas, mas às potências de vida, [...] o Slam não se resume a poesias, ele inclui também o poder de informação e o tráfico poético, além do lazer que se concretiza nos abraços, sorrisos, beijos na boca, em uma troca de olhares ou mesmo em goles e mais goles de vinho barato. Essa forma de ocupar também é resistência, também é política”.

Vicente de Paulo Sousa
Antropólogo





Editora
**SER
TÃO
CULT**

Este livro foi composto na fonte Tuffy, impresso no formato
12x19cm em papel offset 75g/m², com 60 páginas e em
e-book formato pdf.

Junho de 2025



ISBN 978-655421230-4



9 786554 212304

Editora **SERTÃO:CULT**

POESIA NUA E CRUA.

Reunindo poetas que incendiaram o palco do Slam da Quentura, um dos maiores símbolos da poesia falada no Ceará, esta obra é território sagrado de resistência, afeto e revolução.

Cada página pulsa a oralidade das vielas, a fúria que brota das margens, a beleza que nasce da poesia. É palavra encarnada, que não pede licença: atravessa. É lembrança, identidade e futuro, escritos com suor, cicatriz e coragem.

Organizado pelo Métrica, Poesia Nua e é corpo coletivo que alta. Uma coletânea literatura não cabe em gue, é faísca, é fogo.



Coletivo Fora da Crua não é só livro, ousa existir em voz que afirma: nossa moldura, ela é san-